

A EXCLUSÃO SOCIAL EM OS SUPRIDORES, DE JOSÉ FALERO

SOCIAL EXCLUSION IN OS SUPRIDORES, BY JOSÉ FALERO

EXCLUSIÓN SOCIAL EN OS SUPRIDORES, DE JOSÉ FALERO

Letícia de Araújo Bernardes¹
Rogério Max Canedo²

Resumo: A literatura está indissociavelmente ligada à sociedade, desde sua produção até sua repercussão. Portanto, aos Estudos Literários cabe a leitura crítica de obras que remetam à realidade, de modo a pensar suas relações e reflexões. Com isso, o presente trabalho desenvolve a análise da representação da exclusão social na literatura a partir do romance brasileiro contemporâneo *Os supridores*, de José Falero (2020). Tem-se como objetivo desenvolver uma reflexão que destaque as maneiras com que a exclusão é manifestada no objeto de análise. Além disso, investiga-se a proximidade estabelecida entre literatura e sociedade e apontar os aspectos excludentes na obra e na vida do autor. Parte-se da noção de exclusão enquanto conceito descritivo, definido por Oliveira (2006), bem como fundamenta-se principalmente na relação entre sociedade e literatura, abordada por Candido (2023), e no papel humanizador dessa, com base em Candido (1995, 2012) e Eco (2011). O artigo resulta de uma pesquisa de cunho bibliográfico e de caráter qualitativo, buscando o embasamento teórico e a investigação interpretativa do romance analisado, com foco na observação dos personagens principais e do espaço da narrativa. Observou-se que a obra parte de vivências comuns, como a desigualdade de classes, a exploração trabalhista e a violência urbana, para representar a realidade enfrentada pela população excluída no Brasil. Assim, este artigo reforça a indissociabilidade entre literatura e sociedade, refletindo em que ponto a obra remete à realidade e, ainda, atentando aos possíveis impactos de sua leitura para o meio social.

Palavras-chave: Exclusão social. *Os supridores*. Literatura. Sociedade.

Abstract: Literature is inextricably linked to society, from its production to its repercussions. Therefore, in Literary Studies there is critical reading of works that refer to reality, in order to think about its relationships and reflections. For that reason, this paper analyzes the representation of social exclusion in literature based on the contemporary Brazilian novel *Os supridores*, by José Falero (2020). The aim is to develop a study that highlights the ways in which exclusion is manifested in the object of analysis. The focus is also on an investigation between the proximity established between literature and society and, to point out the exclusionary aspects in the author's work and life. It starts from the notion of exclusion as a descriptive concept, defined by Oliveira (2006), and it is based mainly on the relationship among society and literature, addressed by Candido (2023), and on the humanizing role of literature, based on Candido (1995, 2012) and Eco (2011). The research is bibliographical and qualitative in nature, seeking a theoretical basis and an interpretative investigation of the novel analyzed, with the focal point on observing the main characters and the

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (PPGLL/UFG). E-mail: leticiabernars@discente.ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5478-0247>.

² Professor do Departamento de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL/UFG). E-mail: max_canedo@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7379-572X>.

space of the narrative. It was observed that the work draws on common experiences, such as class inequality, labor exploitation and urban violence, to represent the reality faced by the excluded population in Brazil. Thus, this article reinforces the inseparability between literature and society, reflecting on the extent to which the work refers to reality and also highlighting the possible impacts of its reading on the social environment.

Keywords: Social exclusion. *Os supridores*. Literature. Society.

Resumen: La literatura está inseparablemente ligada a la sociedad, desde su producción hasta su repercusión. Por tanto, los Estudios Literarios se encargan de leer críticamente obras que hacen referencia a la realidad, para pensar en sus relaciones y reflexiones. Por ello, este trabajo desarrolla un análisis de la representación de la exclusión social en la literatura a partir de la novela brasileña contemporánea *Os Supridores*, de José Falero (2020). El objetivo es desarrollar investigaciones que destaquen las formas en que la exclusión se manifiesta en el objeto de análisis. Además, queremos indagar la proximidad que se establece entre literatura y sociedad y señalar los aspectos excluyentes en la obra y la vida del autor. Partimos de la noción de exclusión como concepto descriptivo, definido por Oliveira (2006), además de basarse principalmente en la relación entre sociedad y literatura, abordada por Candido (2023), y en su papel humanizador, basado en Candido (1995, 2012) y Eco (2011). La investigación es de carácter bibliográfico y cualitativo, buscando la fundamentación teórica y la investigación interpretativa de la novela analizada, centrándose en la observación de los personajes principales y el espacio de la narración. Se observó que la novela se basa en experiencias comunes, como la desigualdad de clases, la explotación laboral y la violencia urbana, para representar la realidad que enfrenta la población excluida en Brasil. Así, este artículo refuerza la inseparabilidad entre literatura y sociedad, reflexionando sobre el punto en el que la obra se refiere a la realidad y, también, mirando a los posibles impactos de su lectura en el entorno social.

Palabras clave: Exclusión social. *Os supridores*. Literatura. Sociedad.

Introdução

As reflexões sobre os papéis desempenhados pelas produções literárias, sobre sua função e, ainda, a sua caracterização enquanto uma necessidade humana são fundamentais para definir o espaço que a literatura deve ocupar na sociedade. A partir da associação próxima entre a literatura e a vivência social, esse entendimento se destaca ainda mais, tendo em vista que a representação da realidade contribui para o poder humanizador da literatura, que faz com que seu leitor se coloque no lugar do outro – no âmbito ficcional e, conseqüentemente, no real.

Diante dessa concepção, vê-se a relevância de desenvolver pesquisas que destaquem, em uma perspectiva crítica, a criação literária e suas características, sua construção e, ainda, sua relação com a sociedade, já que essa postura proporciona – entre outras coisas – visibilidade à literatura. Desse modo, o olhar crítico sobre as obras literárias possibilita destacar sua relevância, refletir sobre seus possíveis contatos com a vida material, bem como explorar as interpretações que podem ser inferidas a partir de determinada concepção teórica.

Com isso, consolida-se a motivação deste trabalho em analisar a obra nacional *Os supridores*, de José Falero (2020), com o objetivo de destacar como a exclusão é representada neste romance, consolidando a relação próxima entre a literatura e a sociedade. No livro é apresentada a história de Pedro e Marques, dois funcionários de um grande supermercado de Porto Alegre que possuem péssimas condições de vida. Ao receberem salários baixos, decidem participar do tráfico de drogas, pois veem tal opção como a única chance de superar as barreiras econômicas e sociais que os cercam. Posto isso, cabe observar como o contexto excludente se manifesta na representação da vida das personagens principais e no espaço físico e social que elas ocupam.

De início, cabe destacar que partir-se-á do conceito de exclusão associado ao “nível da descrição das formas de aparecimento imediato da lógica interna do sistema do capital” (OLIVEIRA, 2006, p. 183). Com base nessa perspectiva,

[...] o fenótipo contemporâneo da pobreza, as formas refinadas de “descontratualização” do trabalho, bem assim as inumeráveis variações dos modos atuais de exploração e até mesmo o não-acesso à propriedade da terra ou da moradia podem ser muito apropriadamente descritas como formas de exclusão e inclusão forçada (OLIVEIRA, 2006, p. 183).

Tal caracterização se associa, então, à disparidade econômica, às organizações desiguais do trabalho, à inacessibilidade de direitos para uma parcela marginalizada da população, à violência urbana, dentre outros aspectos. Nesse viés, a exclusão no contexto urbano é fortemente tematizada no enredo da obra, logo a observação desses contextos marginalizantes permitirá cumprir o objetivo deste trabalho de analisar como ela é representada em *Os supridores* (FALERO, 2020). Além disso, o artigo visa a destacar as características dessa exclusão na obra e na realidade do autor, bem como a ressaltar a influência que a sociedade exerce na produção literária, e vice-versa.

Desse modo, de caráter qualitativo, este trabalho se insere no âmbito dos Estudos Literários e trata-se de um estudo de cunho bibliográfico e do campo da crítica literária, por meio da qual busca-se empreender um exercício de análise e interpretação do *corpus* selecionado. Posto isso, o trabalho é dividido em três seções de fundamentação teórica: primeiro volta-se à literatura e formação humana, com base no impacto da literatura na constituição da humanidade, fundamentando-se principalmente nas ideias de Candido (1995, 2012) e Eco (2011); em seguida, aborda-se a relação entre a produção literária e o meio social ao se refletir sobre a relação autor-obra-público (CANDIDO, 2023); e por fim, apresenta-se as perspectivas teóricas da constituição de personagens no romance, com base em Candido (2009), e dos espaços da narrativa, pelo critério da topoanálise de Borges Filho (2008).

Com base no aparato teórico desenvolvido, inicia-se a análise de *Os supridores* (FALERO, 2020). Parte-se do princípio de ressaltar os aspectos excludentes que permeiam a vida de Pedro e Marques, os quais representam diversos brasileiros que se encontram em semelhante situação de exclusão.

Literatura e formação humana

A ideia de que a literatura tem um importante papel social na formação humana é fundamental para refletir sobre as funções que ela exerce no mundo e sua relevância, especialmente no atual século, considerando as crescentes desigualdades e misérias que precarizam, cada vez mais, a realidade social de muitas pessoas. Portanto, pensar essas funções e os seus impactos permite dar destaque para a literatura em si e para o quanto seu estudo é necessário, além de possibilitar o olhar crítico do sujeito diante do mundo e das questões sociais, econômicas e pessoais.

Em “O direito à literatura” (1995), Antonio Candido destaca que a literatura é um bem incompressível da humanidade, isto é, caracterizada como algo imprescindível para a existência humana, que não possa ser ignorado. Explica-se essa caracterização a partir da ideia de que “as produções literárias, de todos os tipos e de todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo” (CANDIDO, 1995, p. 179). Para explicar tais “necessidades básicas”, o autor associa a literatura ao sonho, partindo do princípio de que assim como este permite um “equilíbrio psíquico” associado à imaginação, aquela permitiria o “equilíbrio social” (CANDIDO, 1995, p. 174-175). Isso se justifica pelo papel humanizador atrelado à literatura, pois se a sociedade desenvolve – a partir da leitura – um olhar crítico e empático diante dos problemas e desigualdades do mundo, então essa humanização abre portas para uma maior harmonia no meio social.

A fim de reforçar o aspecto da literatura enquanto um direito humano, Candido (2012) aponta quais seriam as funções dessa no mundo. Em primeiro lugar, é destacada a função psicológica, relacionada à urgência de fantasia sentida por todos. Nesse sentido, o autor aponta que “por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante” (CANDIDO, 2012, p. 83). Partindo desse princípio, essa necessidade humana é suprida por meio da produção literária, a qual explora o fictício e o real, bem como cria diferentes universos. Confere-se, assim, alívio à urgência supracitada.

Além disso, a função formativa é apresentada em sequência e está fortemente atrelada ao seu aspecto humanizador. Porém, entender essa formação por um olhar pedagogizante e

meramente instrucional é limitar como a literatura age, de fato. Principalmente porque a própria noção do “como agir idealmente” é variável em âmbito local, cultural, religioso e em vários outros, enquanto a literatura não é restrita à visão convencional, tradicional ou dominante. Por isso, “ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2012, p. 85). Pensamos que, ao explorar diferentes formas de ver e viver este e outros mundos, as produções literárias participam da constituição humanitária de quem as lê.

Por fim, Candido (2012) aponta a função de conhecimento do mundo e do ser. Essa percepção se fundamenta na representação do real, da qual a literatura faz uso e a qual permite, ao leitor, uma diversidade de interpretações e entendimentos sobre o mundo. Portanto, admite-se “que a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele” (CANDIDO, 2012, p. 86). Assim, implica-se uma inter-relação contínua de uma literatura que dispõe das vivências sociais e, ainda, opera sobre elas, reforçando mais uma vez seu intuito humanizador.

No mesmo sentido, o papel social da literatura é reforçado por Umberto Eco (2011). Ao tratar de funções da literatura, o pesquisador aponta não só para a construção de identidade, liberdade interpretativa e função educativa. Atrélado a esses princípios, seu texto pondera quanto à marginalização das pessoas e destaca como a literatura contribui para a formação de valores humanos.

O autor rejeita a ideia de que o texto literário traria total conforto àqueles com pouco acesso a necessidades básicas de alimentação e saúde. Ainda assim, ele reforça que a criminalidade, por exemplo, estaria atrelada a um contexto de marginalização em que os indivíduos “restam excluídos do universo do livro e dos lugares onde, através da educação e da discussão, poderiam chegar até ele os ecos de um mundo de valores que chega de e remete a livros” (ECO, 2011, p. 12). Assim, apesar de a literatura não ser colocada enquanto a solução para as grandes mazelas do mundo, assume-se que ela é essencial na formação de sujeitos prontos para o convívio social.

Além disso, em artigo intitulado “Documentos da pobreza, desigualdade ou exclusão social”, o pesquisador Victor Hugo Pereira (2011) aborda as representações da exclusão e de outras questões sociais nas manifestações culturais, especialmente na literatura a partir de 1990. A partir desse período, no Brasil, “relacionada ao relevo concedido à particularidade das experiências de sujeitos excluídos na construção de projetos políticos, surge uma produção cultural em que se busca *dar voz* a essas particularidades” (PEREIRA, 2011, p. 14).

Nessa acepção, reforça-se a representação da exclusão na produção literária não somente no sentido de ficcionalizar contextos e realidades sociais, mas também como uma maneira de autenticar e legitimar essas narrativas. Essa ideia corrobora, ainda, a relevância de uma literatura que denuncia mazelas sociais e confere voz a personagens que simbolizam as figuras marginalizadas da realidade.

Diante dessas perspectivas, reforça-se um fato: ler e estudar literatura são fatores fundamentais para a constituição humana, uma vez que permitem desenvolver criticidade, explorar interpretações e experienciar fantasias. Ela deve, então,

ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, 2009, p. 47).

Portanto, a própria abordagem de temas que denunciam cenários de miséria, exploração e exclusão (os quais são cotidianos na vivência de grande parte da população brasileira) contribui para viabilizar a sensibilização e o posicionamento crítico diante das mazelas sociais. Por isso, a literatura se mostra essencial.

Relação literatura-sociedade

A literatura, como já discutido, tem forte impacto social que, inclusive, denuncia uma influência direta que ela exerce sobre seus leitores. Entende-se aqui a influência não como uma doutrinação ou o direcionamento específico de pensamentos, mas a partir da ideia de formação humana exercida sobre o leitor. Assim, introduz-se a relação direta que parte da literatura e chega à sociedade.

Contudo, cabe destacar que a associação entre esses dois elementos não é reduzida a um viés unilateral. Da mesma forma com que a literatura contribui para a formação do homem, a humanidade fornece subsídios para que sua realidade seja representada na ficção. Com isso, a sociologia moderna entende que

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CANDIDO, 2023, p. 35).

Com base nessa relação de confluência de ambas as partes, Candido (2023) aponta três elementos principais de constituição da arte literária: autor, obra e público. Tais elementos estão intrinsecamente relacionados nos mais diversos sentidos, agem e reagem entre si, em direções não necessariamente lineares, mas recíprocas.

O artista, primeiramente, representa na obra parte do que ele é, vive e pensa. Isto é, o autor se posiciona no mundo a partir de suas vivências, de suas origens e de onde ele está na escala social, aspectos esse que caracterizam, ainda, seu papel na criação artística. Por isso mesmo, conquanto o autor parta de um aspecto individual para desenvolver um romance, por exemplo, o aspecto social que vivencia também contribui para esse desenvolvimento. Portanto, ambas perspectivas são “indissolúvelmente ligadas” (CANDIDO, 2023, p. 41), pois agem em confluência sobre as escolhas de representação do autor.

Partindo para a obra, entende-se que é o artista e então, novamente, as vivências dele no mundo que caracterizam sua configuração. Com isso, o que Candido (2023, p. 46) designa como “valores e ideologias” agem sobre o conteúdo da produção artística, resultando muitas vezes na tematização desta realidade que presencia ou em que acredita. Ao mesmo tempo, os “sistemas de comunicação” vigentes em determinado período ganham destaque na configuração da forma em que a obra circula. Dessa forma, reforça-se diferentes âmbitos da relação entre a obra e a questão social.

Por fim, ao público cabe a recepção da arte. Esse papel receptor impacta de diferentes formas, já que o próprio público é definidor dessa recepção, exercendo influência sobre o coletivo quanto à opinião sobre a arte, o que ressalta o papel social dos valores. Ao mesmo tempo, há a influência do público sobre o artista, definidora de seus próximos escritos. Assim, fica evidente não só a inter-relação do público no aspecto social, como também sua ação sobre as escolhas do artista e a sua repercussão na obra.

Em síntese,

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. [...] Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra. A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contato indispensável. Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público (CANDIDO, 2023, p. 55).

Diante disso, evidencia-se a multiplicidade de formas de ligação entre essa tríade que envolve a literatura. Ao mesmo tempo, é reforçado o fator social que age sobre cada um desses elementos e, de uma forma ou de outra, impacta diretamente a produção literária, seja na constituição sociocultural do autor, na contextualização da obra diante do mundo ou na influência do público – portanto, da própria sociedade – sobre ele mesmo e sobre o autor.

Em capítulo de *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*, Candido (2023, p. 27) enfoca o fator social “para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós”. Nesse sentido, as escolhas em relação aos elementos da narrativa (como personagens e espaços) e as formas de tematização do mundo são sustentadas por este aspecto social, que age sobre a produção artística nos âmbitos já destacados.

Ao mesmo tempo, para que a citada validade seja concretizada não basta a mera alusão a elementos cotidianos. O caráter de representação da vivência social é ancorado em um aspecto fundamental: a verossimilhança, que parte não daquilo “que pode ocorrer na ordem do possível, mas o que é aceitável pela opinião comum, o que é *endoxal* e não *paradoxal*, o que corresponde ao código e às normas do consenso social” (COMPAGNON, 1999, p. 106). É, portanto, esse aspecto que convence o leitor e o atrai à obra, bem como confere à ficção o aspecto de representação (não de retrato) da sociedade.

Essa aproximação da literatura com a ficcionalização do real caracteriza, ainda, um aspecto marcante da literatura contemporânea, nela incluída a brasileira. Primeiramente, como contemporâneo entende-se “aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 9).

Nessa perspectiva, a literatura contemporânea tem como uma de suas características a representação, partindo da própria sociedade, daquilo que é considerado anacrônico, que já não deveria mais fazer parte das vivências atuais por seu caráter ultrapassado (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10). Isso impulsiona, pois, o autor a manifestar suas inquietações diante da sociedade através da sua obra. Com base nessa perspectiva, este trabalho busca observar tal representação no romance contemporâneo em análise.

Personagem e espaço da ficção

Em “O romance” (1978), Massaud Moisés presta-se ao trabalho de abordar a história de ascensão deste gênero, seu conceito, sua estrutura e sua relação com demais gêneros literários,

poéticos ou teatrais. Nesse contexto, o autor atribui ao romance a capacidade de fornecer uma perspectiva ampla do mundo, ao reconstruí-lo e recriá-lo na narrativa (MOISÉS, 1978, p. 97). Para que isso se concretize, Moisés (1978) aponta alguns aspectos que constituem a estrutura interna do romance, como: a ação, o espaço, o tempo, as personagens, a linguagem, a trama, a composição, os planos narrativos, entre outros. Neste trabalho, porém, interessa focalizar dois elementos que ganham destaque na obra objeto de análise: o espaço e as personagens.

De início, a relevância das personagens no romance e seu papel na construção de sentido da história são parte fundamental de uma análise, conforme Candido (2009, p. 51) ressalta. No desenvolvimento de uma narrativa, o romance é baseado em um “certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste” (CANDIDO, 2009, p. 52), em um jogo de construção da verossimilhança entre o real e o fictício, o verdadeiro e o inventado.

Nesse âmbito,

Cada traço adquire sentido em função de outro, de tal modo que a verossimilhança, o sentimento da realidade, depende, sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto. Esta organização é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos (CANDIDO, 2009, p. 80).

Dessa forma, entender a construção das personagens, suas características, opiniões e ações no enredo contribui para a produção de sentido do romance. Ao mesmo tempo, essa percepção confere visibilidade à representação social, já que a visão de mundo das personagens ou suas vivências estão atreladas à caracterização daquilo que se quer tematizar na obra.

Concomitantemente, o espaço é de suma importância para a construção contextual e assume “papel decisivo na compreensão da personagem” (MOISÉS, 1978, p. 104). Assim, para compreender como essa contextualização espacial impacta o enredo e, ainda, a colocação das personagens no universo ficcional, cabe ressaltar a noção de topoanálise apresentada por Borges Filho (2008), que parte da terminologia de Bachelard e a expande. Então, se a topoanálise partiria de uma análise psicológica do espaço em “vida íntima” para Bachelard (1989, p. 28 *apud* BORGES FILHO, 2008, p. 1), Borges Filho (2008, p. 1) acrescenta que “inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazem parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem”. Logo, faz-se necessário desenvolver a análise das relações entre as

personagens e seus espaços narrativos, especialmente se um elemento interfere na construção do outro, e vice-versa.

Posto isso, dentre a segmentação dos espaços em uma narrativa, ganham significado os macro e microespaços, que direcionam à análise dos cenários (ambientes construídos pelo ser humano) e naturezas (espaços sem intervenção humana) da obra. A partir dessa sistematização, Borges Filho (2008, p. 5) aponta que pode ocorrer a figurativização em ambiente, paisagem e território. Porém, o enfoque para a análise de *Os supridores* (FALERO, 2020) é dado principalmente pelo conceito de território, em que “temos a possibilidade de análise das relações de poder na obra literária” (BORGES FILHO, 2008, p. 6), já que ocorre uma disputa de dominação do local. Isso porque, na obra em questão, pode-se aferir tais relações de poder na própria temática e, então, é cabível pensar o território tanto objetiva quanto subjetivamente.

Os supridores e a exclusão social

Pedro e Marques estão cansados da vida de trabalho intenso sem reconhecimento ou, ao menos, remuneração digna de seus esforços. Como supridores de um supermercado, a perspectiva de que se destaquem e consigam ascender no âmbito econômico é quase nula, afinal “todos os seus ancestrais tinham trabalhado muito ao longo da vida, tinham pertencido à classe social que mantinha a merda do país funcionando, e se sempre foram pobres, era porque devia haver alguma coisa errada...” (FALERO, 2020, p. 24). Por essa perspectiva, Pedro apresenta a seu amigo a solução para seus problemas a partir do tráfico, pois a venda de drogas é a chance de ganharem dinheiro suficiente para mudar suas vidas.

Porém, “uma das coisas mais difíceis neste mundo, sem dúvida, é consentir em parar de ganhar dinheiro” (FALERO, 2020, p. 236), e apesar de decidirem não trabalhar com o tráfico por muito tempo, eles não conseguem renunciar ao conforto que a nova vida os proporcionou. A partir disso, um conflito maior se inicia quando uma luta por território entre gangues toma proporções que custam mais do que uma vida perdida.

Em *Os supridores*, José Falero (2020) tematiza os cenários excludentes aos quais a população pobre da periferia de Porto Alegre é submetida. Nesse âmbito, o autor, que cresceu em um dos bairros ambientados no romance – Lomba do Pinheiro, onde vive o personagem Pedro – dá visibilidade à questão social ao representar parte de suas próprias experiências de mundo, inserindo-se no texto, como Candido (2023) aborda. Em entrevista a Renata Muniz, pela Revista Trip, José Falero afirma que há uma relação intrínseca entre a obra ficcional e a biográfica, “porque a matéria-prima daquela construção é a sua experiência de vida e a sua visão de mundo” (REVISTA TRIP,

2021), mas confirma que *Os supridores* (2020) se trata de um romance ficcional, ainda que ele se identifique com a obra em muitos aspectos. Reforça-se, assim, o aspecto contemporâneo de representação, na literatura, de realidades inquietantes ao escritor, conforme destacado por Schollhammer (2009, p. 9).

Com isso posto, para a análise do romance partir-se-á, primeiramente, de um olhar voltado para a construção das personagens principais: Pedro e Marques. Então, ao destacar suas concepções de mundo, suas ações no meio e suas posições na escala social, será possível ter uma visão ampla da representação da exclusão enquanto uma forma de descrição das configurações eminentes da lógica do sistema do capital (OLIVEIRA, 2006).

Em seguida, a perspectiva analítica voltar-se-á para a construção do espaço da narrativa. Com isso, a percepção da organização do cenário excludente e o olhar voltado à construção de territórios na narrativa permitirão compreender a caracterização da exclusão no meio representado no romance.

Pedro e Marques: mestre e discípulo

A relação estabelecida entre os dois personagens principais é fundamental na construção do enredo de *Os supridores* (FALERO, 2020), mas inicialmente cabe analisá-los individualmente. Pedro tem as raízes familiares na pobreza: desde antes de seus bisavôs, todos enfrentam duras penas em relação ao dinheiro, à qualidade de vida e ao trabalho árduo. Esse contexto contribui para seus questionamentos quanto à falácia da meritocracia, afinal “se era verdade que a riqueza, ou pelo menos uma vida digna, poderia ser alcançada com muito trabalho e dedicação” (FALERO, 2020, p. 23), não era coerente que sua família e ele próprio tivessem trabalhado tanto por tanto tempo, porém ainda continuavam no mesmo lugar de miséria. Introduce-se aqui um ponto de representação da desigualdade: ela não abre espaço para que quem está por baixo na pirâmide social possa subir.

Pedro, ainda, é caracterizado enquanto um grande leitor, o qual utiliza seu tempo perdido na locomoção para o trabalho, pelo transporte público, para mergulhar no prazer da leitura. Esse aspecto representa uma quebra de estereótipo em relação ao alcance da literatura, ainda muito vista como voltada para as elites, sem abarcar a população excluída social e economicamente. No romance, esse hábito da personagem é reforçado quando Pedro fala sobre suas referências intelectuais: “– [...] Eu tenho uma pá de mestre. A maioria deles já morreu faz tempo, só que eu posso navegar na alma deles, lendo o que eles escreveram” (FALERO, 2020, p. 59). Nesse ponto da narrativa, ele cita ainda um de seus maiores mestres, Karl Marx, com base no qual desenvolve

seu senso crítico quanto à organização do sistema capitalista e à injustiça social que o permeia. Além disso, Pedro é um homem inteligente e sua sagacidade é reconhecida por ele mesmo:

- Ninguém é bobalhão. Claro que o bagulho é foda. Mas, na real, os traficante que vai preso ou morre, é por burrice pura.
- Ah, e tu é o inteligentão, no caso? Então diz aí: cumé que alguém assim, tão inteligentão, acabou trampando de supridor nesta porra deste supermercado? Como de hábito, Pedro filosofou:
- Se pá a pergunta é ao contrário: cumé que alguém que trampa de supridor nesta porra deste supermercado acabou ficando tão inteligentão? (FALERO, 2020, p. 71).

Por outro lado, Marques vem das mesmas condições sociais que seu amigo, mas suas inquietações quanto à necessidade de dinheiro vêm de outro lugar, já que além de querer conforto para si, também quer para seus sucessores. Casado com Angélica, o rapaz já tem com ela um filho, e a notícia de que a esposa está grávida os abala profundamente, pois se mal conseguem sustentar uma casa com três pessoas, não sabem como irão bancar a vida com quatro. Por isso, ele não apenas acata a ideia de Pedro, como também incentiva Angélica a participar do esquema de tráfico, pois juntos eles conseguiriam acumular muito mais dinheiro.

Marques é uma pessoa mais estressada e impulsiva, então encontra em Pedro, de certa forma, um ponto de equilíbrio. Este é a razão, aquele é a emoção. A relação entre eles se estabelece desde o primeiro dia de serviço de Marques, em capítulo denominado “Mestre e discípulo”, quando Pedro o recebeu e chamou a atenção dele quanto à sua opinião sobre as grandes relações desiguais que permeiam o mundo, as explorações às quais o trabalhador é submetido e o motivo de tudo ser e se manter daquela forma. O próprio nome de Marques não pode ser ignorado, nesse sentido, devido à sua semelhança fonética com o do filósofo Karl Marx, algo que é ressaltado na própria narrativa:

- [...] eu acho que o cara que mais influenciou o meu pensamento foi um filósofo alemão. O nome dele era Marx. Inclusive, todo esse lance que a gente conversa, os nego chama isso de marxismo, por causa dele, tá ligado? [...]
- O nome do cara era Marques, que nem o meu?
- Não. Era *Marx*, com xis (FALERO, 2020, p. 59).

Essa analogia recebe destaque principalmente diante do forte discurso de desvalorização da classe trabalhadora, de condições trabalhistas indignas e desiguais, fatores esses que são colocados em foco na filosofia marxista. No romance em análise, o ideal de igualdade de Pedro parte da ideia de possuir apenas aquilo que se produz, de modo que o acúmulo de riquezas não

ocorreria, já que a renda seria proporcional ao trabalho. Com base nessa ideia, o personagem discorre sobre sua visão de mundo:

– [...] Eu tô falando duma relação de causa e efeito que devia existir, e simplesmente não existe: uma relação direta entre o quanto as pessoa trabalha e o quanto de dinheiro elas ganha. É como eu disse: cada pessoa devia ter o padrão de vida que *merece*, ou seja, o melhor padrão de vida possível, de acordo com o tanto que cada pessoa trabalha. É o que seria justo. Tendeu? E daí, tu vem me dizer o quê? Tu vem me dizer que já existe essa justiça, que o mundo já é assim! Se o mundo já é assim, cadê a nossa fortuna? Tu acha o quê? Tu acha mesmo que a gente não trabalha mais do que o dono desta rede de supermercado? Esse cara nem sequer trabalha, Marques! Mas, mesmo que ele trabalhasse, não ia poder trabalhar *tanto*, a ponto de merecer o mar de dinheiro que ele tem, enquanto a gente trabalha e trabalha só pra ganhar a quantidade de dinheiro *exata* pra não morrer de fome e continuar trabalhando e trabalhando (FALERO, 2020, p. 48).

Contudo, ainda que as falas de Pedro remetam a ideais marxistas e declarem sua indignação com as desigualdades sociais, “a discussão sobre Marx, para os personagens, não tem nenhuma pretensão política/revolucionária – eles só querem melhorar de vida” (VALDEZ, 2022, p. 139). Isto é, o discurso sobre as relações de trabalho e os cenários de exclusão, apesar de serem denunciatórios, não incitam uma mudança de postura por parte da humanidade, ou sequer por parte das personagens, que percebem, no mundo, uma lógica de exclusão já instaurada. Isso é percebido na seguinte fala de Pedro:

– [...] Mas, olha, de uma coisa eu sei, com toda a certeza, e sem medo de erro: eu quero dinheiro. *Quero dinheiro!* Não se engana comigo, meu bruxo. Tu acha o quê? Tu acha que eu quero transformar o mundo? Sabe, eu já fui infantil a ponto de achar que o mundo pode ser transformado; não vou negar. Só que eu não sou mais tão infantil assim. Quando eu olho em volta e vejo que tudo é injustiça, e que ninguém tá nem aí pra justiça de verdade, eu me pergunto o que eu tô fazendo neste mundo de merda. [...] mas já que eu tô aqui, não quero ficar de mão abanando. Eu quero dinheiro (FALERO, 2020, p. 61).

Dessa forma, destaca-se uma sátira em relação a essa organização da exclusão e ao pensamento revolucionário. Se por um lado a transformação da lógica de funcionamento do mundo, de exploração da classe trabalhadora, possibilitaria um reajuste nas bases da pirâmide social; por outro lado, essa parcela que resta excluída (aqui representada por Pedro e Marques) está farta de esperar por qualquer mudança e, por isso, parte das ferramentas que tem ou que acredita serem certas para mudar a sua situação atual. Para as personagens de *Os supridores* (FALERO, 2020), isso se dá por meio do tráfico.

As raízes do problema das injustiças instauradas no mundo também são um tópico explorado no romance. Pedro entende que há uma organização para que a sociedade funcione de

determinada forma, e essa organização é regida por aqueles que detêm o capital. Com isso em mente, o rapaz afirma:

– [...] É assim que o mundo foi *ajeitado*. *Ajeitado*, entendeu? *Ajeitado*. O mundo tá como tá, mas não precisava tá como tá. Ele foi *ajeitado* assim como tá. E eu te garanto que as pessoas que *ajeitaram* o mundo assim como tá tinha milhões – esfregou o polegar e o indicador, em sinal de dinheiro –, *milhões* de motivo pra querer que o mundo ficasse *ajeitado* exatamente assim como tá. [...] E tu sabe o que é mais assustador nisso tudo, Marques? De algum jeito, eu não sei como, fizeram as pessoa acreditar que tá tudo certo. Fizeram as pessoa acreditar que o mundo é assim mesmo. Fizeram as pessoa acreditar que tudo isso é natural, como a chuva ou o vento. Fizeram as pessoa esquecer que todo esse mecanismo não existe desde sempre. Fizeram as pessoa esquecer que todo esse mecanismo precisou ser planejado nos mínimo detalhe. É repito: pode ter certeza que não foi um pé-rapado que nem eu ou que nem tu que planejou isso tudo. (FALERO, 2020, p. 50).

Fica posta, assim, a indignação diante do favorecimento das elites, algo que foi planejado por ela própria, em detrimento da população marginalizada. Ainda, denuncia-se a naturalidade com que essa desigualdade é percebida atualmente, o que também faria parte dos *ajustes* no mundo a que Pedro se refere, sendo mais uma forma de mantê-lo regido pela lógica do capital.

Além disso, o descontentamento com o trabalho é outro ponto que os convence a seguir o caminho ilegal. No dia em que Marques é contratado para trabalhar no supermercado, Pedro logo avisa o novo amigo de que o desvio de função é uma prática muito comum no local. Contudo, nada poderiam fazer a respeito no âmbito da lei, pois apesar de serem contratados como supridores, em suas carteiras de trabalho “achava-se uma definição de cargo que não poderia ser mais indistinta: ‘auxiliar de operações’. [...] o supermercado podia sujeitá-los a incumbências de toda sorte, sem lhes dar margem para moverem uma ação trabalhista sob alegação de desvio de função” (FALERO, 2020, p. 40). Portanto, a exploração do trabalhador é mais um ponto de manifestação da lógica do capital que resulta na exclusão de uma população que, refém das oportunidades de trabalho, está sujeita às condições impostas por seu empregador.

Entretanto, a estratégia de subversão à lógica social excludente adotada pela dupla não dura muito, afinal Pedro acaba tendo cerceada uma das poucas coisas que possuía antes do esquema de tráfico: a sua liberdade. Após o confronto com uma gangue rival e a perda da vida de Luan, o integrante mais jovem do grupo, todos têm dificuldade de processar a que ponto chegou um esquema que foi pensado para terem uma vida melhor, mas que custou a vida de alguém. A realidade é mais dura do que a expectativa que tinham, logo Pedro é denunciado, julgado e condenado por seus crimes, sem denunciar seus companheiros e sofrendo sozinhos as consequências.

O romance, então, desenvolve a

trajetória de dois jovens periféricos, sobretudo Pedro, suas penúrias sendo explorados em empregos formais mal remunerados, seu ápice ganhando muito dinheiro no mundo do tráfico de drogas, e sua queda, quando percebem que seu esquema - arquitetado para ser o mais seguro possível, diminuindo quaisquer potenciais riscos de morte ou prisão - acaba com várias pessoas assassinadas, amigos mortos, e ele mesmo preso (VALDEZ, 2022, p. 147).

Diante disso, são ressaltados, na trajetória das personagens, vários aspectos sociais vivenciados pela população brasileira atual, como a grande violência urbana, a exploração do trabalho, a injustiça da pobreza e a realidade do tráfico. Por fim, a crítica da obra é reforçada no ciclo que enclausura a população excluída, pois dentro ou fora dos meios legais, ao final ela permanece no mesmo lugar de exclusão.

Periferia e posição social

A ambientação da periferia de Porto Alegre fornece um cenário que contextualiza bem a configuração da exclusão no espaço da narrativa. Logo no segundo capítulo, “Sonho de riqueza”, conta-se com a descrição do bairro onde Pedro mora, Lomba do Pinheiro:

[...] afastada do Centro, fora do alcance dos tentáculos do poder público, abandonada à própria sorte, assim tinha construído em torno de si uma assustadora fama de terra sem lei, onde nem as mais abomináveis selvagerias eram motivo de surpresa; e essa fama, infelizmente, não estava tão longe da realidade (FALERO, 2020, p. 18).

A configuração da exclusão, portanto, se manifesta aqui no próprio afastamento locacional, pois o que é básico não está ao alcance de quem vive distante do centro econômico da cidade. O mesmo acontece no bairro Menino Deus, onde Marques vive com sua família, na Vila Lupicínio Rodrigues, a qual é localizada junto a um centro cultural relevante, o que difere um pouco da localização da casa de Pedro. Ainda assim, revela-se uma grande disparidade em relação ao local em que está o centro cultural e a quem de fato o frequenta, já que os moradores não iam ao espaço mesmo que fosse tão próximo, ao passo que “quem frequentava os eventos era gente que vinha de outras partes da cidade – [...] *dirigindo carros caros*. E enquanto se representava de Shakespeare a Brecht no célebre teatro do centro cultural, o Renascença, a vila ia servindo de palco para tragédias da vida real” (FALERO, 2020, p. 32).

Portanto, a construção desse cenário no romance contextualiza a forma de organização periférica que compõe os centros urbanos: a população pobre está refém de uma inacessibilidade

no âmbito da economia, da saúde, da cultura hegemônica. Ao mesmo tempo, o autor contextualiza a discrepância de onde se mora e onde se trabalha por meio do deslocamento, pois dentro do ônibus, “à medida que o veículo avançava em direção ao extremo leste da cidade [...], a paisagem ia se tornando mais hostil e miserável” (FALERO, 2020, p. 83) no trajeto de Pedro de volta para casa.

Além da composição do cenário nesse romance, ressalta-se a caracterização de territórios ao longo da narrativa, ao se refletir sobre as relações de poder que são estabelecidas em diferentes momentos. Isso se materializa, por exemplo, na divisão territorial entre quadrilhas que se estabelece no bairro de Pedro. Quando ele pretende começar seu esquema de tráfico na região, está ciente da divisão de quadrilhas que ocorre entre a Vila Viçosa e a Vila Nova São Carlos e, para evitar problemas com os líderes dessas organizações, avisa-os de sua pretensão. Pedro afirma para os líderes que era uma “questão de respeito” (FALERO, 2020, p. 104) avisá-los, assumindo a hierarquia do tráfico estabelecida no local.

Neste ponto da narrativa, uma guerra está prestes a iniciar entre as facções, por um acidente trágico que envolveu as mortes de um integrante de cada grupo. Porém, Pedro prevê que a eclosão desse conflito afetaria as vendas de drogas para ambos os lados e para ele próprio, pois chamaria a atenção da polícia para a região. Com isso, ao conversar com os líderes e convencê-los a não iniciar uma briga maior por poder, o rapaz garante a “Preservação da paz”, expressão que dá nome ao capítulo em questão.

Ao mesmo tempo, o que pode ser considerada uma disputa de poder acontece também no supermercado onde Pedro e Marques trabalham. Enquanto gerente da unidade em questão, o sr. Geraldo possui uma hierarquia de dominação superior à dos funcionários do supermercado Fênix, uma vez que é responsável por comandar aquela filial. Devido à sua posição, quando o gerente descobre que Pedro e Marques estão usando o horário de expediente para vender drogas dentro do estabelecimento, no capítulo “O mais bem-guardado dos segredos”, ele exige a demissão dos dois rapazes. Nesse momento, porém, o supermercado se constitui enquanto um território na narrativa, pois apesar da relação hierárquica entre gerente-funcionário, os dois supridores não admitem a demissão e ameaçam o superior caso ele denuncie o tráfico ou os demita. Inverte-se, então, o poder do empregador para o empregado, o que é ressaltado pelo próprio Pedro: “– O senhor não vai querer brincar com a gente, tá vendo? A gente não sabe brincar. – Aquela salinha lhe pertencia, sentiu. O supermercado inteiro lhe pertencia. O mundo todo lhe pertencia” (FALERO, 2020, p. 221).

Além disso, o maior conflito do romance, no capítulo “Noite macabra”, acontece em um território onde Luan, um dos integrantes do grupo de tráfico dos personagens principais,

costumava comercializar a droga. Com a volta de uma quadrilha de traficantes – os Bala na Cara, organização criminosa conhecida do Rio Grande do Sul – à região, a disputa territorial é inevitável e logo eles perseguem o jovem, ameaçando-o e declarando a posse do local: “– O que é nosso, é nosso; o que não é nosso, a gente toma e vira nosso do mesmo jeito, cupincha, vai vendo!” (FALERO, 2020, p. 241). Contudo, o grupo não se limita a ameaças e, após uma fuga de Luan, sua mãe é assassinada. Diante dessa tragédia, Pedro decide realizar um atentado no local para vingar o amigo, resultando em uma disputa que vai além de uma briga pelo espaço, já que é voltada também para o viés da dominação do mais forte e da retaliação.

O confronto, porém, tem um resultado calamitoso que envolve a morte dos integrantes da quadrilha inimiga e, de maneira mais chocante, a de Luan. Esta abala Pedro mais do que qualquer outra coisa, já que ele assume ser culpado por todos os acontecimentos trágicos que aconteceram nessa noite macabra, afinal todo o esquema de tráfico fora planejado por ele. Logo, nesse conflito territorial, apesar de o maior índice de mortos recair sobre os Bala na Cara, quem perde é Pedro e seu grupo.

Por fim, partindo para uma perspectiva subjetiva dos conflitos de relação de poder em *Os supridores* (FALERO, 2020), pode-se considerar como território o local de ascensão que as personagens desejam alcançar. Enquanto cidadãos excluídos da sociedade, Pedro e Marques querem mudar suas vidas ao conquistar um padrão mais elevado de existência, que só pode ser sustentado pelo dinheiro. Por isso, o tráfico é o meio escolhido para lutar e conquistar esse território social da elite; conquista essa que vai contra as probabilidades que permeiam a classe excluída, como Pedro destaca:

– [...] Me mostra um pobre que tenha ficado bem de vida, mano. Me mostra, que eu quero ver. Me mostra alguém que tenha nascido pobre, pobre que nem a gente, e que depois tenha conseguido deixar de ser pobre sem praticar crime nenhum, e sem ganhar na loteria, é claro. Me mostra, sangue bom. Porque pra cada *um* que tu me mostrar, eu te mostro *um milhão* que pobre nascero e pobre morrero. Sabe por quê? Porque, como tu mesmo disse, é uma questão de probabilidade (FALERO, 2020, p. 180).

Portanto, na busca de não se renderem à probabilidade, os rapazes esperam encontrar a ascensão e ocupar o território da riqueza por meio do crime. Entretanto, essa disputa territorial não tem o fim esperado por eles, pois as relações de poder permanecem as mesmas, bem como a população excluída não muda. Pedro acaba, então, não mais numa luta por território – esse entendido como uma vida melhor –, mas em um cenário resultado de suas escolhas e pior do que estava no início do romance: a prisão.

Considerações finais

A exclusão social em *Os supridores*, de José Falero (2020), está tematizada na realidade financeira escassa enfrentada por Pedro e Marques, na exploração do trabalho que ocorre no supermercado Fênix, no contexto de violência urbana das gangues de tráfico de Porto Alegre, entre outros aspectos. Esses cenários são representações de situações comuns na conjuntura brasileira e, inclusive, na vida do autor. José Falero viveu na Lomba do Pinheiro e teve diversos trabalhos de baixa remuneração e alta exigência, como servente de pedreiro, auxiliar de cozinha e, ainda, supridor de mercado. Logo, o autor transpassa em sua obra parte do que experienciou, mas sem torná-la biográfica – como ele mesmo afirma.

Porém, ainda que Falero não tenha a intenção de representar a própria vida em seu romance, ele exprime uma realidade que é comum a uma grande parcela da população: a exclusão. Essa representação possibilita duas perspectivas. Em primeiro ângulo, pode ocorrer a identificação do leitor com Pedro e Marques, no caso em que aquele se reconhece nos contextos excludentes que as personagens enfrentam, sem grandes perspectivas e reféns a essa lógica que conduz o mundo. Por outro lado, é possível a sensibilização do leitor que não enfrenta diretamente essa realidade, mas a compreende enquanto injusta. Desse modo, reconhece, por exemplo, a necessidade de um mundo em que a igualdade de classes seja habitual, em que a violência inexistia e em que o tráfico não seja sequer uma opção para a subsistência das pessoas.

Portanto, a proximidade entre a literatura e a sociedade é reforçada a partir da leitura do romance analisado, já que o autor representa, em sua obra, aspectos sociais que alcançam seu público de diferentes formas – a depender de sua individualidade. Essa perspectiva retoma, então, a relação autor-obra-público (e suas variações) explicada por Candido (2023). Além disso, o papel humanizador das produções literárias destacado por Eco (2011) e Candido (2004, 2012) é sustentado pela representação das realidades excludentes, uma vez que pelo recurso da verossimilhança, é capaz o reconhecimento do real interligado ao ficcional. Dessa forma, torna-se possível o desenvolvimento crítico do leitor a partir da sensibilização ou identificação diante das experiências de vida de Pedro e de Marques, pautadas na exclusão disseminada não só em *Os supridores* (FALERO, 2020), mas também no mundo.

Referências

BORGES FILHO, O. Espaço e literatura: introdução à toponálise. *In: XI Congresso Internacional ABRALIC*, 2008, São Paulo. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC*, 2008. v. 01. p. 01-07.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Todavia, 2023.

_____. A literatura e a formação do homem. *Remate de Males*, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 21 out. 2023.

_____. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 235-264.

COMPAGNON, Antoine. O mundo. In: _____. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. *Literatura para quê?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: _____. *Sobre a literatura*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011, p. 9-22.

FALERO, José. *Os supridores*. São Paulo: Todavia, 2020.

MOISÉS, Massaud. O Romance. In: _____. *A criação literária: Prosa*. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1978. (p. 91-219).

MONIZ, Renata. José Falero: a literatura deve pertencer ao povo. *Revista Trip*, 2021. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/jose-falero-a-literatura-deve-pertencer-ao-povo>. Acesso em: 19 dez. 2023.

OLIVEIRA, A. da R. Sobre o alcance teórico do conceito “exclusão”. *Civitas: revista de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 159–188, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/52>. Acesso em: 13 ago. 2023.

PEREIRA, V. H. Documentos da pobreza, desigualdade ou exclusão social. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 30, p. 11–26, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9132>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SCHOLLHAMER, Karl Erick. Que significa literatura contemporânea?. In: _____. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

VALDEZ, R. Os supridores, de José Falero: uma radiografia das violências no Brasil contemporâneo. *Revista Contraponto*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 132–151, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/129107>. Acesso em: 22 dez. 2023.

Recebido em: 25/3/2024

Aprovado em: 21/5/2024